

MINERAÇÃO, COMUNICAÇÃO E RESISTÊNCIA FEMININA EM BARCARENA (PA)

MINING, COMMUNICATION AND WOMEN'S RESISTANCE IN BARCARENA (PA)

Leonardo de Souza Silva¹

Vânia Maria Torres Costa²

Resumo: Este artigo busca compreender a resistência feminina à mineração em Barcarena (PA) e o papel da comunicação nesse processo, com foco nas experiências e narrativas de três mulheres líderes comunitárias: Maria do Socorro, Patrícia dos Santos e Rosilda Santos. A partir de entrevistas semiabertas realizadas entre 2020 e 2023 e análise temática (Gomes, 2007), foram identificadas as categorias de análise luta e WhatsApp. Os relatos evidenciam as motivações, os desafios e os sentimentos que permeiam a resistência criada e intensificada pela comunicação. O WhatsApp e o circuito comunicacional identificado são dispositivos cruciais. As narrativas revelam que a resistência é inegociável!

Palavras-chave: Mineração; Gênero; Amazônia; Barcarena; Mulher.

Abstract: This article aims to understand female resistance to mining in Barcarena (PA) and the role of communication in this process, focusing on the experiences and narratives of three female community leaders: Maria do Socorro, Patrícia dos Santos, and Rosilda Santos. Based on semi-structured interviews conducted between 2020 and 2023 and thematic analysis (Gomes, 2007), the categories of struggle analysis and WhatsApp were identified. The reports highlight the motivations, challenges, and feelings that permeate the resistance, created and intensified by communication. Two essential devices are the identified communication circuit and WhatsApp. The narratives reveal that resistance is non-negotiable!

Keywords: Mining; Gender; Amazon; Barcarena; Woman.



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

1 Doutor em Ciências da Comunicação – Universidade Federal do Pará; Bolsista PCI – Museu Paraense Emílio Goeldi; E-mail: leosilvaufpa@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0989-1917>.

2 Doutora em Comunicação – Universidade Federal Fluminense; Professora do Magistério Superior – Universidade Federal do Pará; E-mail: vaniatorrescosta@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0493-8763>.

Considerações iniciais

Barcarena, cidade de origem indígena e quilombola do nordeste paraense, cuja economia provinha da agricultura familiar, pesca e caça, virou alvo da indústria mineral na década de 1970. O governo militar brasileiro, sob a ausência do diálogo com a população local, negociou terras do município com empresários japoneses interessados em adquirir alumínio a baixo custo. Acordos foram feitos, dando origem às mineradoras Alumínio Brasileiro S.A. (Albras) em 1985, e Alumina do Norte do Brasil S.A. (Alunorte) em 1995, voltadas para a produção de alumínio e o beneficiamento de bauxita (Bentes, 1989; Estumano; Poça; Guimarães; Anjos, 2018; Maia, 2017).

Com a implementação das mineradoras, novos empresários olharam para Barcarena, resultando em mais empreendimentos durante a década de 1990. São eles a Pará Pigmentos S/A (PPSA) e a Imerys Rio Capim Caulim (IRCC), hoje pertencentes aos mesmos investidores (Hazeu, 2015; Maia, 2017; Silva, 2020). Juntas, as mineradoras transformaram a cidade que apresentava problemas de infraestrutura urbana, como ruas sem pavimentação, pouca energia elétrica, escolas e hospitais, mas mantinha uma rotina tranquila e alheia à contaminação por metais pesados. A população que sobrevivia das atividades tradicionais passou a lidar com a mineração e seus impactos sociais, econômicos, culturais e ambientais (Maia, 2017; Silva, 2020).

O setor mineral promove impactos específicos à vida humana, sendo as mulheres um dos grupos que mais enfrentam desafios entremeados por questões de gênero produzidas pelo machismo e patriarcalismo existente em nossa sociedade. O âmbito mineral é apresentado como um local masculino por sua insalubridade (Castilho; Castro, 2006; Faustino; Furtado, 2013). As mulheres não são prioridade no momento da contratação, mas há aquelas que atuam no mercado e lidam com a desvalorização do trabalho, assédios, enfermidades ocasionadas pelo contato com poluentes etc. (Andrade, 2020; Castilhos; Castro, 2006; Fau-al, 2021).

Ao não terem acesso ao setor mineral, elas percebem com maior facilidade os impactos da mineração no cotidiano local ao observarem a realidade em que vivem (Andrade, 2020). Com isso, sobressaem aos próprios receios e assumem um papel na busca por mudanças, ou melhor, na resistência que, segundo James Scott, Marilda Menezes e Lemuel Guerra (2002), é uma oposição cotidiana ou pontual a uma forma de dominação, que lida com deslegitimações.

As mulheres lidam com críticas dentro e fora de casa, conciliam a militância com o trabalho doméstico e o cuidado das crianças (Brustolin; Silva, 2021;

Queiroz, 2021). Ademais, algumas não são escutadas e/ou levadas a sério nos ambientes de resistência, por conta do machismo que também adentra esses espaços (Fau-al, 2021). Lutam em meio a questionamentos, rótulos e difamações que as qualificam como mães ruins, irresponsáveis e desocupadas (Queiroz; Praça, 2021; Rodas, 2020).

São violências simbólicas que frequentemente extrapolam para agressões físicas, como assassinatos e abusos sexuais (Queiroz, 2021). Por exemplo, em 2017, a América Latina foi apontada como a região mais perigosa do mundo para ativistas ambientais, com 60% das mortes ocorrendo especialmente na Amazônia (Global Witness, 2018). Pensando especificamente sobre as mulheres ativistas, entre 2015 e 2021, 243 foram alvos de violência em terras extrativistas (Fau-al, 2021).

Acreditamos que as narrativas dessas mulheres são fundamentais para o campo da comunicação, pois contêm interpretações sobre o mundo e as suas experiências (Ricoeur, 2010). A comunicação, segundo José Luiz Braga (2017), é um compartilhamento, sendo as experiências definidas por Muniz Sodré (2009) e Walter Benjamin (1985) como as fontes do narrador, pois revelam seus conhecimentos e vivências.

Neste artigo, a comunicação será interpretada a partir dos conceitos de “dispositivos interacionais” e “circuito comunicacional” (Braga, 2017). O primeiro corresponde a meios (tecnológicos ou não) pelos quais ocorrem interações comunicacionais, enquanto o segundo remonta à interação entre diferentes dispositivos. Em nossa análise, são dispositivos o WhatsApp e os protestos compartilhados em um grupo de moradores(as) e lideranças de Barcarena, existente no aplicativo. Conforme mostrarão os resultados, ambos compõem um circuito comunicacional.

A presença e atuação da mineração em Barcarena, bem como as resistências femininas já documentadas, evidenciam a relevância de debater o tema (Maia; Marin, 2014; Santos, 2020; Silva, 2020; Souza; Rodrigues, 2019). Todavia, embora esses estudos tratem das vivências comunitárias, crimes ambientais e, em mínima proporção, da atuação feminina nas frentes de resistência, ainda são poucas as investigações sobre como essas resistências se estruturam e ocorrem comunicacionalmente, ou seja, quais e como os dispositivos interacionais são utilizados e que circuitos comunicacionais são produzidos nesse cenário de conflito.

Ao analisar a resistência feminina sob o olhar da comunicação, este artigo evidencia que a resistência não emerge somente em atos públicos ou ações pontuais, pelo contrário, é cotidianamente construída, por meio de interações e circulação de narrativas, por exemplo, em dispositivos como

o WhatsApp. Assim, este artigo torna-se original ao articular mineração, gênero e comunicação a partir da análise empírica de um circuito construído por mulheres amazônicas.

Conforme aprofundaremos no tópico a seguir, entre 2020 e 2023, entrevistamos Maria do Socorro Nery da Costa, Patrícia Neris dos Santos e Rosilda Santos, três mulheres líderes comunitárias que atuam na resistência em Barcarena e fazem uso da comunicação nessa prática (Scott, 1990). As entrevistas ocorreram em suas residências, localizadas, respectivamente, nas comunidades São Sebastião de Burajuba, Bom Futuro e Arienga Rio. Os dados obtidos foram analisados sob o olhar da Análise de Conteúdo Temática (ACT), que, segundo Romeu Gomes (2007), é uma forma de interpretar dados qualitativos, centralizando em temas emergentes. A ACT também visa descobrir os núcleos de sentido presentes no material investigado, ou seja, tudo o que aparece repetidamente e apresenta força em meio aos dados.

1 Os caminhos da pesquisa

Para alcançar o objetivo proposto, realizamos entrevistas semiabertas com três mulheres da resistência: Maria do Socorro Nery da Costa, Patrícia Neris dos Santos e Rosilda Santos. A escolha por este modelo de entrevista se deu porque é um formato flexível, que permite combinar perguntas previamente “roteirizadas” com questionamentos que emergem durante a conversa entre interlocutor(a) e pesquisador(a) (Duarte, 2005). Foram temas do nosso roteiro a trajetória pessoal, a comunidade e as interpretações de cada interlocutora sobre os impactos da mineração.

Maria do Socorro é uma mulher quilombola de 54 anos, presidente da Associação dos Caboclos, Indígenas e Quilombolas da Amazônia (Cainquiama) e da Associação da Comunidade Quilombola de São Sebastião do Burajuba (Acomquissb). Sua atuação inclui a luta contra a mineração em sua comunidade. Patrícia Neris dos Santos, com 54 anos, natural de Moju e residente de Barcarena desde 2005, preside a Associação de Catadores de Bom Futuro e enfrenta desafios como a depressão. Seu sonho é ser cozinheira. Já Rosilda Santos, de 49 anos, se identifica como descendente dos indígenas Mortiguras, lidera a comunidade Arienga Rio e dedica-se ao trabalho como artesã e voluntária na assistência social. É apaixonada pelas praias de Barcarena.

A seleção das interlocutoras considerou quatro critérios: a atuação das mulheres como líderes comunitárias; a relação de amizade existente entre elas e o pesquisador, o que evitou possíveis distanciamentos durante

as entrevistas; a proximidade de suas comunidades às instalações das mineradoras e a participação ativa em mobilizações contra a mineração. A quantidade de entrevistadas foi definida para melhor aprofundamento analítico e temático.

O trabalho³ ocorreu durante seis pesquisas de campo realizadas entre 2020 e 2023. Foram realizadas 10 entrevistas, com duração entre 30 minutos e duas horas cada, gravadas em áudio mediante autorização prévia e posteriormente transcritas. No total, foram 12 horas e 37 minutos de gravação. As entrevistas ocorreram nas residências das participantes. As observações durante o campo e as entrevistas foram anotadas em diário de campo (Rocha; Eckert, 2008).

No que se refere aos aspectos éticos, as participantes assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando o uso dos seus nomes reais, uma vez que se tratam de lideranças públicas já identificadas e reconhecidas por suas pautas ambientais e participação em mobilizações. Ainda assim, suprimimos informações que pudessem representar risco à integridade das interlocutoras.

Para analisar os dados obtidos, aplicamos a Análise de Conteúdo Temática (ACT) que, de acordo com Romeu Gomes (2007), visa identificar temas e núcleos de sentido (repetições) nos dados obtidos. O autor apresenta um percurso composto por três etapas seguidas por nós. São elas: a leitura compreensiva, a análise de conteúdo e a síntese interpretativa.

Explicando as etapas, a leitura compreensiva nos permite ter uma visão ampla dos dados coletados e nos ajuda a identificar particularidades, a estabelecer pressupostos que orientam a análise e interpretação, a selecionar formas de categorizar e determinar os conceitos teóricos que serão utilizados na análise (Gomes, 2007).

A Análise de Conteúdo refere-se à distribuição dos fragmentos narrados conforme o esquema de categorização definido pelo(a) pesquisador(a), à leitura desses fragmentos categorizados, à identificação dos núcleos de sentido (repetições) presentes no material categorizado, ao diálogo desses núcleos com as hipóteses da pesquisa, à análise dos núcleos de sentido para a busca do(s) tema(s) de discussão, ao reagrupamento dos fragmentos por meio do(s) tema(s) encontrado(s) e à elaboração de uma redação a partir deles, sem esquecer de relacioná-lo(s) com os conceitos teóricos (Gomes, 2007).

3 É importante ressaltar que a pesquisa é resultado direto da minha tese de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da UFPA (PPGCOM), com bolsa implementada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

A síntese interpretativa é uma redação coerente que dialoga com o(s) tema(s), bem como os objetivos, questionamentos e premissas presentes na pesquisa (Gomes, 2007). As três etapas nos ajudaram a identificar as categorias de análise “luta” e “WhatsApp”, substantivos que emergiram repetidamente durante os depoimentos das três interlocutoras. Ambas foram distribuídas no quadro 1, que elaboramos para organizar visualmente o percurso estabelecido por Romeu Gomes (2007).

Quadro 1 – Quadro de análise dos depoimentos

Análise de conteúdo temática							
RESISTÊNCIAS (MACROCATEGORIA)				Descrição dos depoimentos	Premissa(s) amparada(s) no meu conhecimento teórico	Núcleos de sentido identificados	Apontamento de temas com base nos núcleos de sentido identificados
Categorias	Fragmentos de depoimentos						
Luta	Rosilda	Socorro	Patrícia				
WhatsApp	Rosilda	Socorro	Patrícia				

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

Conforme ilustra o quadro acima, os depoimentos foram fragmentados conforme as interlocutoras da pesquisa. Após a leitura compreensiva, identificamos as duas categorias, relacionadas pelas três entrevistadas à resistência, que se tornou o macrotema. Em seguida, procuramos descrever de forma conjunta os depoimentos fragmentados, buscando compreender qual é a especificidade da luta e do uso do WhatsApp para cada uma delas. Feito isso, elaboramos premissas considerando o nosso conhecimento teórico sobre o campo investigado, o que nos fez compreender por que as categorias surgem com tanta força em meio aos depoimentos.

Posteriormente, apontamos os núcleos de sentido, ou seja, aquilo que elas falaram em comum e de forma recorrente sobre as categorias identificadas, e finalizamos o quadro com os temas que emergiram desses núcleos. Essa iniciativa nos ajudou a interpretar, por exemplo, que lutar remonta às dificuldades, às mudanças e às intimidações. Essa organização nos permitiu elaborar a redação e a síntese interpretativa.

A partir desse percurso metodológico, consolidamos “luta” e “WhatsApp” como categorias de análise que se desdobraram em temas identificados nos depoimentos. O quadro 2 a seguir sintetiza essas categorias, seus principais desdobramentos e as evidências que orientam a análise apresentada nas próximas seções.

Quadro 2 – Quadro de análise dos depoimentos

Categoria	Temas	Evidências
Luta	A luta como um indicativo de dificuldades	Relatos de depressão por parte da Patrícia, dores físicas, contaminação por metais pesados, morte de animais, sensação de isolamento e sobrecarga pela atuação em trabalhos domésticos e na militância.
	A luta como a possibilidade de mudanças.	Organização de protestos, acionamento do Ministério Público, repercussão na imprensa, processos em curso, participação em documentário e conquistas como o fornecimento de água potável e auxílio financeiro.
	A intimidação sofrida pelas mulheres da luta.	Xingamentos, montagens ofensivas em redes sociais, boatos sobre ganhos financeiros, repressão policial e tentativas de homicídio contra a Socorro.
WhatsApp	O WhatsApp como um dispositivo de resistência.	Convocações para protestos, criação de grupos de lideranças, estratégia de evitar Facebook por risco de “olheiros”, compartilhamento de áudios, fotos, vídeos e organização dos episódios após o incêndio da Imerys.

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

A síntese apresentada no quadro acima organiza os dados analisados e orienta a discussão a seguir, iniciada pela categoria “luta”, desenvolvida nos dois tópicos subsequentes, e pela categoria “WhatsApp”, apresentada em tópico próprio. As seções apresentam a mineração e as resistências comunicacionais praticadas pelas interlocutoras.

2 A luta feminina em Barcarena: significado e importância

O conceito de “luta” remete ao embate entre forças opostas, podendo ser físico, intelectual ou moral. Nesta pesquisa, a luta, constantemente mencionada e qualificada pelas interlocutoras, representa a resistência feminina contra a mineração em Barcarena. Inspirado em John Comerford (1999), compreendemos a luta como a intensificação de valores e da resistência diante de adversidades, sendo proporcional ao sofrimento vivenciado. As entrevistadas denunciaram desrespeito e sofrimento, evidenciando essa relação.

Para Rosilda Santos e Socorro da Costa, eventos específicos impulsionaram a luta de ambas. O naufrágio do navio Haidar, em 2015,⁴ e o

4 O naufrágio ocorreu em 6 de outubro de 2015 na praia da comunidade da Vila do Conde, despejando óleo combustível no Rio Pará e vitimando aproximadamente 4.500 bois, cujos corpos ficaram presos na embarcação ou apodrecendo na beira da praia, causando transtornos para os(as) moradores(as) das redondezas (Silva; Ferreira; Silva, 2020).

vazamento de rejeitos da Hydro Alunorte, em 2018,⁵ foram determinantes para Rosilda. Antes de ser líder comunitária, ela já auxiliava na remoção das carcaças de bois encalhadas após o naufrágio. Com o tempo, sua atuação se intensificou, consolidando-se na militância ambiental.

Em 2018, ao receber relatos sobre a invasão de água em casas locais, Rosilda mobilizou um grupo, incluindo Patrícia dos Santos, para verificar a situação em uma das bacias de rejeitos da Hydro. O acesso restrito e a forte chuva dificultaram a incursão, mas, após abrirem caminho pela mata, conseguiram registrar e denunciar o vazamento ao Ministério Público (Figura 1). Mesmo com a negativa da empresa, acionaram a imprensa, garantindo repercussão nacional. A denúncia resultou em ações judiciais lideradas por Socorro da Costa, reforçando o papel dessas mulheres na resistência contra os impactos da mineração.

Figura 1 – Rosilda Santos e Patrícia dos Santos no local do vazamento

Fonte: Acervo pessoal de Rosilda Santos (2018).



Para Socorro da Costa, a luta começou ao perceber que a contaminação afetava não só as pessoas, mas também os animais. O desaparecimento dos passarinhos que se alimentavam dos frutos de seu quintal, especialmente das goiabas, foi o sinal definitivo para agir. Desde então, a militância tornou-se seu “emprego”, associada aos seus conhecimentos tradicionais e à sua subsistência. Para ela, lutar é manter seus saberes vivos na prática cotidiana:

Esse é o nosso emprego! Pescar, plantar, ajudar a multiplicar fauna e flora, ser feliz! Nós somos capazes de lidar com a Hydro ou qualquer outra mineradora? Sim! Mas nós não queremos!

⁵ O vazamento de bauxita pela Hydro Alunorte ocorreu no dia 17 de fevereiro de 2018 e atingiu diretamente as comunidades Bom Futuro, Vila Nova e São Sebastião de Burajuba. O caso ganhou notoriedade devido à resistência e cobertura midiática (Silva, 2020).

Nós queremos a nossa luta, a nossa atividade, o nosso meio de comer, de plantar, de sobreviver. Nós, mais idosos (Socorro da Costa, 2021).

Já para Patrícia dos Santos, a principal motivação foi o desemprego que afeta sua comunidade, Bom Futuro. Não estar vinculada a mineradoras ou ao governo lhe deu liberdade para se engajar nos protestos, chegando a permanecer dias em frente à Hydro. Apesar do receio de ameaças, participou ativamente das manifestações. A luta, além de resistência, tornou-se um espaço de aprendizado, permitindo que conhecesse a história de Barcarena e se conectasse com figuras importantes do ativismo:

Eu fui me envolvendo, fui conhecendo pessoas. Cada dia eu fui conhecendo mais, e me aprofundando mais e me interessando pelas pessoas. Na verdade, vou falar pra vocês: a minha briga com a empresa serviu para conhecimento. Foi tão grande o meu conhecimento que o promotor veio na minha casa. Eu recebi tantas pessoas. Repórter até de fora do Brasil vinha na minha casa. O que eu ganhei muito foi conhecimento com a Cainquiama, com promotor, com juízes, polícia, com todo mundo. Conheci todos os presidentes de associação de Barcarena (Patrícia dos Santos, 2021).

Patrícia dos Santos não é natural de Barcarena; nasceu em Moju (PA). A luta lhe deu conhecimentos e a aproximou da cidade e de seus desafios, levando-a a assumir um papel de liderança diante do desemprego e da falta de representação da comunidade do Bom Futuro. Socorro da Costa também observa a luta como uma forma de aprendizado. Como palestrante, utiliza esses momentos para compartilhar a realidade local e buscar estratégias que fortaleçam a sua luta, uma prática exaustiva que rende inimizades, conforme relata Rosilda Santos:

Eu falei até que eu queria largar porque isso é muito cansativo pra mim. Isso me faz bem, mas ao mesmo tempo não porque a gente arruma inimizade porque a gente vai brigar com esse pessoal. A gente tá vendo que tá errado mesmo. A gente quer o progresso pra comunidade, pro município. E aí a gente já começa a arrumar problema com os empresários, com o prefeito. Mas a gente tá tentando resistir aí! (Rosilda Santos, 2021).

Patrícia vivencia o impacto físico e mental da luta. Aos 54 anos, enfrenta um quadro de depressão, dores constantes e a presença de metais pesados no corpo devido à contaminação. Além disso, a responsabilidade pelo cuidado da mãe, que possui dificuldades de locomoção, intensifica sua sobrecarga. Já Socorro se vê isolada diante do poder das empresas e do Estado: “Eles são

muitos, eu sou uma! Você divulga! Mesmo assim, não vai resolver. Ajuda a ficar essa história para as futuras gerações, netos, tataranetos [...]” (Socorro da Costa, 2023).

Ela reconhece outras lideranças, mas sente solidão ao ver pessoas desistindo ou mudando de lado. Para ela, a luta é um ato de amor pelo povo e pelo passado vivido. Além disso, muitas de suas lutas ainda não geraram os resultados esperados, mas as ameaças continuam devido ao fato de ela levantar bandeiras essenciais, como a preservação ambiental, o direito à vida e o respeito ao território. Essas pautas fazem com que ela precise se resguardar em sua casa, frequentemente atrás das grades, situação que será aprofundada no próximo tópico.

Duas associações à luta devem ser destacadas. Patrícia dos Santos a relaciona ao surgimento de uma depressão. Para amenizar seu quadro, procura se distrair com questões que não envolvem as preocupações da militância. Já Socorro vê a luta como um sacrifício pela próxima geração, esperando que os jovens não precisem enfrentar os mesmos desafios:

A minha maior preocupação é com as futuras gerações! Elas nascem e já morrem. Para quem tinha fatura, charque, gurijuba, pirarucu, veado, um pãozinho, hoje não temos nada para comer! Meu amigo, levaram toda a nossa riqueza! É a minha história, história do meu povo. É por eles que eu luto, é por eles que eu decidi trocar a minha vida! Eu não quero deixar a luta (grifo nosso) para elas. Trabalhar agora para que as próximas gerações não tenham esses problemas para resolver. Ela vai trabalhar para ela, vai ser uma trabalhadora, mesmo que vá para a área da tecnologia. Ela não vai esquecer a raiz dela! (Socorro da Costa, 2021).

Socorro da Costa também enxerga a luta como algo inevitável, a única forma de tentar alterar a realidade da cidade. Graças ao empenho dessas mulheres e outras lideranças, algumas mudanças já foram conquistadas. Essas vitórias reforçam ainda mais a necessidade de continuar e manter viva a luta.

3 Luta: experiências e intimidações

As ações realizadas ao longo dos anos de luta marcaram profundamente Patrícia dos Santos e Rosilda Santos. Para Patrícia, um dos momentos mais impactantes foi o acampamento em frente à Hydro Alunorte, em 2018, em resposta ao crime ambiental denunciado por ela e Rosilda. Durante o protesto, ao ver trabalhadores impedidos de chegar ao emprego enquanto

os empresários permaneciam isentos de dificuldades, ela refletiu sobre os impactos da luta:

A que mais me marcou foi a de 3 dias na frente da Hydro e ver aquela quantidade de pais de família pagando por uma empresa que eles não têm nada a ver. Eles foram pessoas que tiveram a oportunidade de trabalhar na empresa e nós tava lá lutando pela gente e por outras pessoas, e também prejudicando outras pessoas que não têm nada a ver com isso. Isso marcou muito, tanto que desde esse dia eu não fui mais pra frente da empresa (Patrícia dos Santos, 2021).

Saber que funcionários foram dispensados por conta do protesto fez Patrícia reconsiderar suas estratégias de luta, visando evitar prejuízos a quem não merecia. Já Rosilda lembra desse momento como uma conquista importante da luta, pois garantiu a liberação de água potável e um auxílio financeiro para as comunidades atingidas, ainda que de forma desigual entre elas.

Socorro da Costa, por sua vez, participou de diversas ações relevantes. Em 2022, foi responsável por articular uma campanha de vacinação e testagem de COVID-19 na sede quilombola de Burajuba, espaço que frequentemente utiliza para iniciativas comunitárias. Nos registros enviados por ela (Figura 2), vê-se como o espaço foi utilizado para promover o bem-estar coletivo.

Figura 2 – Ação de vacinação realizada junto ao SUS, em Burajuba



Fonte: Acervo pessoal de Socorro da Costa (2022).

Além disso, Socorro esteve envolvida no processo contra a Hydro Alunorte na justiça holandesa, movido pela Associação dos Caboclos Indígenas e Quilombolas de Barcarena (Cainquiama), por ela presidida. A ação em trâmite visa reparações pelos danos ambientais de 2018 (Pedrosa Neto, 2022). Outra experiência marcante foi sua participação no curta-

metragem “Socorro”⁶ (Figura 3), dirigido por Susanna Lira e exibido no 51º Festival de Cinema de Gramado, em 2023. Sobre o documentário, ela afirmou: “Foi muito emocionante pra mim ver no filme algo que é a minha realidade, a realidade do meu povo. A realidade do meu povo, gente, é essa!” (Socorro da Costa, 2023).

Figura 3 – Pôster do curta metragem “Socorro”



Fonte: Enviado por Socorro da Costa, via WhatsApp (2026).

Apesar da luta coletiva, as líderes enfrentam julgamentos negativos e ataques. Patrícia dos Santos, Rosilda Santos e Socorro da Costa relataram episódios de hostilidade, incluindo xingamentos como “vagabundas” e acusações infundadas. Patrícia relembra que muitas pessoas, mesmo beneficiadas pelas conquistas do movimento, a criticavam por se opor à Hydro Alunorte, vista por alguns, segundo elas, como uma “mãe”. A esse respeito, ironizou: “Meu amigo, só se for a sua mãe, porque a minha não é! Porque mãe dá leite pro filho e essa daí não me dá nem água!” (Patrícia dos Santos, 2021).

Socorro da Costa também enfrenta ataques, especialmente nas redes sociais, onde já teve sua imagem distorcida em montagens ofensivas. Além disso, é alvo de boatos sobre supostos ganhos financeiros com a luta. A crescente visibilidade trouxe reconhecimento e conquistas, como convites para palestras, viagens à Europa, aparições em revistas e participação em um curta-metragem, mas também intensificou o medo e o sofrimento. Após ser vítima de uma tentativa de homicídio em 2010, sua casa foi cercada por grades em cada cômodo, e a sua rotina mudou por completo, a ponto de

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p-xCgdfQo-o>. Acesso em: 02 ago. 2025.

evitar pegar ônibus ou ir ao supermercado: “Isso me faz mal! Acha que eu não tenho vontade de ir lá no shopping, em Belém? Então, meu dia a dia nunca mais foi o mesmo!” (Socorro da Costa, 2023).

Apesar das intimidações, Socorro reafirma que ser uma mulher da luta exige coragem: “é ter coragem, é ir pra cima, é não recuar, seja ele um relâmpago, um trovão, um juiz, o que for!”.

4 WhatsApp: um dos dispositivos da luta comunicacional

James Scott (1990), em *Los dominados y el arte de la resistencia*, argumenta que não há resistência sem comunicação, sendo essencial criar ou usar espaços organizativos. Embora seu contexto fosse distinto, sua tese se aplica às lideranças de Barcarena, que, segundo Santos (2020), utilizam o WhatsApp como principal ferramenta de comunicação e denúncia.

O WhatsApp, conforme Juarez Neri (2015), é o aplicativo de mensagens instantâneas mais popular em 140 países, utilizado devido à sua praticidade e baixo custo, e apropriado por movimentos sociais para articulação e disseminação de pautas (Bargas; Maia, 2017; Silva; Vidal, 2019). Para Luizete Silva e Márcia Vidal (2019, p. 7), ele permite que debates iniciados no espaço virtual se concretizem em reuniões presenciais.

As interlocutoras desta pesquisa destacam o WhatsApp como meio essencial de organização, configurando-o como a segunda categoria de análise. Rosilda Santos exemplifica sua centralidade ao relatar a articulação de um protesto pelo aplicativo:

É por telefone né, por WhatsApp. Tem vários grupos de liderança. Aí tipo, nós tamo se organizando agora pra nós fechar a rua porque tá muito feio aqui a PA-483. Então é tudo pelo WhatsApp, mas antigamente não era. Como não tinha nada disso do progresso, era horrível. Agora não. A gente se organiza por telefone. Eu tenho contato de várias lideranças, elas têm o meu contato. É assim! (Rosilda Santos, 2021).

Patrícia dos Santos reforça essa preferência, afirmando que o WhatsApp é a principal ferramenta de comunicação entre as lideranças. Quando perguntada sobre os meios pelos quais se organizam, ela responde: “Eu não sou muito chegada a Facebook. É mais WhatsApp mesmo. A gente tem um grupo da Hydro desde 2018. É o grupo da Hydro, todos os presidentes de associação tão nele. Tem muitas pessoas nele. Polícia, promotor [...]” (Patrícia dos Santos, 2021).

Segundo Rosilda Santos, a organização de protestos no Facebook gera repressão policial devido à presença de “olheiros” que repassam as informações. Por isso, as lideranças pactuaram evitar postagens nesta rede social e priorizar o WhatsApp, onde há maior controle e confidencialidade:

Eu tenho Facebook, mas o problema é que nós liderança, a gente combinou. Se a gente colocar, no outro dia a polícia chega com tropa de choque e tudo! Sempre tem um “olheiro”, então nós combinamos assim de não vamos colocar na rede social. Se a gente coloca em “Face”, Deus o livre. Vamos mais pelo grupo de WhatsApp. A gente cria grupos de lideranças e a gente conversa lá “que não saia daqui”. A gente usa o WhatsApp pra isso (Rosilda Santos, 2021).

Além da segurança, o WhatsApp é reconhecido como um meio acessível de comunicação. Patrícia dos Santos destaca que o aplicativo reduz custos com deslocamentos para reuniões, permitindo equilibrar a luta com outras demandas do dia a dia:

O WhatsApp, ele é o nosso melhor meio de comunicação né. Eu mesmo não tenho ido muito em reuniões, porque eu já gastei muito dinheiro com reunião, ia para Belém e voltava de Belém. Eu não tinha tempo nem pra minha casa mais, só pra reunião e lutar pelo povo. Agora já não vou muito em reunião por condições financeira né. Aí já uso meu WhatsApp que já gasta menos, né? (Patrícia dos Santos, 2021).

Durante as entrevistas, observei que Socorro da Costa mantinha o celular sempre à mão, interrompendo ocasionalmente nossa conversa para responder notificações do WhatsApp. Essa dinâmica reforça a centralidade do aplicativo na luta, o que motivou minha pergunta sobre sua importância. “O que eu faço, eu posto nele!” (Socorro da Costa, 2023), respondeu ela, reproduzindo áudios de grupos para ilustrar seu potencial informativo e mobilizador. Nos áudios, ouvi cobranças por posicionamento, discussões sobre os impactos da ferrovia e conflitos fundiários com uma empresa não identificada.

Assim como as demais interlocutoras, Socorro participa de diversos grupos, acompanhando demandas e fomentando debates. Mostrando-me a tela do celular, listou grupos voltados para lideranças, quilombolas e pessoas com deficiência (PCDs). Embora tenha menor presença nos grupos das ilhas de Barcarena, destacou que suas mensagens chegam até esses moradores por meio de um amigo que repassa as informações. O uso do WhatsApp como espaço de mobilização reforça a tese de Scott (1990) sobre a necessidade de criar e utilizar espaços para comunicar a resistência.

José Luiz Braga (2017) compreende a comunicação como o compartilhamento de diferenças criativamente enfrentadas em prol de uma finalidade, seja ela imediata ou de longo prazo. Essa perspectiva complementa a visão de Scott (1990), pois, ao definir a comunicação como uma partilha, Braga também pressupõe sua ocorrência em espaços, alinhando-se ao antropólogo.

Outro aspecto instigante na obra de Braga (2017) é sua concepção de comunicação por meio de ‘dispositivos interacionais’, que podem ou não gerar um ‘circuito comunicacional’. Segundo o autor, dispositivos interacionais são processos e modos de ação que não se limitam à tecnologia, incorporando estratégias e experiências vividas em contextos específicos. Ou seja, são os meios através dos quais ou nos quais ocorre a interação comunicativa (Braga, 2017).

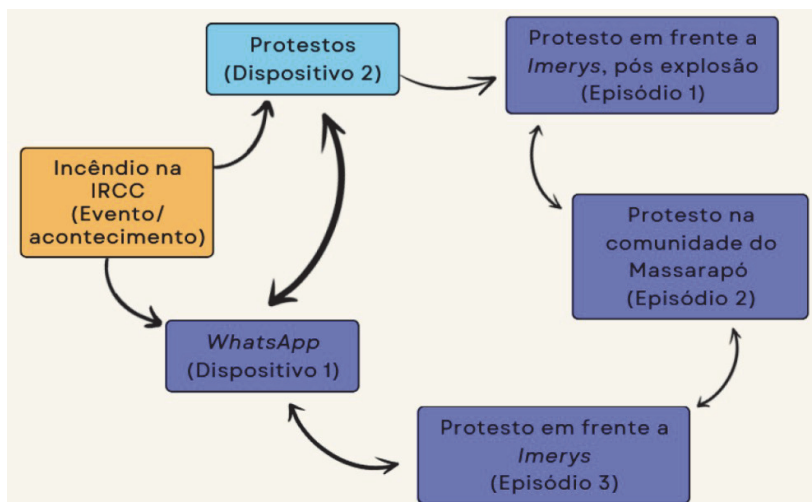
Essa abordagem ampliou a interpretação dos espaços comunicacionais de Scott (1990), permitindo compreender o WhatsApp como um dispositivo interacional. Essa rede social possibilita interações e fortalece a organização e a continuidade das lutas, como foi possível observar diretamente em um grupo de lideranças e moradores(as), o que permitiu analisar o WhatsApp como um dispositivo interacional inserido em circuitos comunicacionais em Barcarena.

O conceito de circuito comunicacional, segundo Braga (2017), emerge da interação entre diferentes dispositivos interacionais. Para o autor, todo dispositivo gera um episódio comunicacional, definido como “o próprio dispositivo em momento de realização” (Braga, 2017, p. 38). Isso significa que, dentro de um dispositivo interacional, ocorrem interações que produzem registros, memórias ou ações concretas. Quando esses episódios transcendem os limites do dispositivo original e desencadeiam novas interações em outros dispositivos, formam um circuito comunicacional.

Esta análise articula não somente Braga (2017), que nos ensina a interpretar a consolidação e os desdobramentos de interações presentes em dispositivos interacionais e circuitos comunicacionais, mas também James Scott (1990), que compreende a resistência como uma prática cotidiana sustentada na criação e uso de espaços para a comunicação das pautas; Muniz Sodré (2009), que conceitua o acontecimento e atenta para a sua transformação em fato e experiência, quando narrado; e Paul Ricoeur (2010) e Walter Benjamin (1985), que observam a narrativa como uma forma de elaborar e compartilhar experiências. Considerando essa produção teórica, temos a possibilidade de interpretar a luta das mulheres em Barcarena como ação comunicativa na qual acontecimentos tornam-se experiências narradas e articuladas por dispositivos que compõem circuitos comunicacionais.

Após apresentar os conceitos de Braga (2017) e compreender o WhatsApp como um dispositivo interacional integrado a outros, formando circuitos comunicacionais, analisamos as mensagens no grupo e identificadas como um circuito que revela os caminhos da luta. O fluxograma a seguir (Figura 4) ilustra esse circuito.

Figura 4 – Fluxograma com os dispositivos interacionais e o circuito comunicacional identificado



Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos conceitos de Braga (2017).

No fluxograma, observa-se a existência de um circuito comunicacional iniciado por um evento, ou melhor, um acontecimento sob a perspectiva de Muniz Sodré (2009). Para ele, o acontecimento é um fato (algo comprovável) presentificado no tempo por meio de narrativas que o transformam em experiências, portanto, em comunicação. Isso ocorre porque a experiência é o acontecimento interpretado e narrado sob a perspectiva de que cada ser humano possui. Toda experiência é singular, porque surge na tentativa de compreender o mundo e o que nele acontece. Quando narrada, torna-se uma referência, o que evidencia o processo comunicativo que, neste artigo, é composto pelo WhatsApp.

O acontecimento que identificamos foi o desastre envolvendo a mineradora Imerys. No dia 6 de dezembro de 2021, por volta das 19 horas, ocorreu um incêndio em um galpão que armazenava hidrossulfito de sódio, um pó químico branco-acinzentado de forte odor que se espalhou pelas

comunidades do entorno, provocando transtornos que se tornaram pauta no grupo do WhatsApp, conforme reportagem publicada no G1 Pará (Carneiro, 2021). O evento foi selecionado como recorte analítico por ter ocorrido durante o período da pesquisa e por intensificar o fluxo de mensagens, compartilhamento de registros e mobilizações, permitindo observar na prática a constituição do circuito comunicacional proposto por Braga (2017).

Podemos interpretar o incêndio como um evento/acontecimento que gerou ações e fluxos comunicacionais, ou seja, interações que se iniciaram na própria empresa, com os sujeitos envolvidos no ocorrido. Posteriormente, se expandiu para os dispositivos WhatsApp e protestos, nos quais as pessoas se comunicaram e/ou agiram em torno do acontecimento.

Seguindo essa linha, o incêndio também pode ser visto como um episódio comunicacional, pois foi o “dispositivo em momento de realização” (Braga, 2017, p. 38), gerando “produtos”⁷ que extrapolaram seus limites. O incêndio gerou inferências (interpretações sobre informações) que, segundo Braga (2017), são centrais na comunicação, criando ‘códigos’ (elementos compartilháveis) que, por sua vez, originaram ‘referências’ (memórias compartilhadas), dando início a novas inferências em outros dispositivos.

O incêndio circulou pelos dois dispositivos: o WhatsApp, onde os membros já discutiam o ocorrido, e o protesto. Este último configura-se como um segundo dispositivo interacional, pois, assim como o WhatsApp, gerou interações comunicativas e deu origem a diferentes tipos de protestos, todos considerados episódios. Portanto, o protesto é o dispositivo que marca a comunicação interpessoal além do grupo de WhatsApp.

Como mostra o fluxograma, esses dois dispositivos se interconectam, pois um primeiro protesto foi mobilizado em frente à Imerys (episódio 1) logo após o incêndio no galpão. As convocações para o protesto foram feitas pelo WhatsApp e esse ato ganhou novas interpretações à medida que registros audiovisuais, ou seja, seus “produtos”, foram compartilhados no grupo, gerando novas inferências.

Exemplo de mensagens trocadas no grupo incluem uma pessoa denunciando que um pó estava saindo da fábrica e invadindo sua casa, questionando se mais alguém estava sentindo o odor. Outras mensagens relatavam tosse, dores na garganta e no nariz. O pó se espalhou pelos arredores (Figura 5), e várias pessoas que apresentaram mal-estar foram atendidas em Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) montadas em frente ao complexo esportivo e cultural da comunidade da Vila do Conde.

⁷ De acordo com Braga (2017), o produto pode ser um registro, texto, vídeo, gravação sonora, anotações etc.

Figura 5 – Registro de uma das ruas após o incêndio



Fonte: Enviada por membro do grupo de WhatsApp, no dia do incêndio (2021).

Enquanto isso, alguns protestavam em frente à Imerys, mas foram coagidos e intimidados pela Polícia Militar. Vídeos sobre a coerção foram compartilhados no grupo, gerando opiniões entre os membros. Uma pessoa comentou que os policiais sempre defendem o patrimônio privado com as armas em mãos, mas não se importam com a situação da população. Outros enviaram áudios concordando e se engajando em novos protestos.

Outras fotos também foram compartilhadas no grupo, tornando-se referências para o surgimento de novos episódios comunicacionais. Exemplos disso são os protestos na comunidade do Massarapó (episódio 2) e em frente à Imerys (episódio 3). O primeiro aconteceu no dia seguinte ao incêndio e o segundo, três dias depois, em 9 de dezembro de 2021. Ambos foram organizados pelo WhatsApp (dispositivo 1), ou seja, representam os “elementos de saída de um episódio” (Braga, 2017, p. 43) que começaram a circular e a fortalecer o circuito comunicacional.

Todos os encaminhamentos realizados nos grupos de WhatsApp deram origem aos episódios 2 e 3. Durante e após cada um, novos registros (Figuras 6 e 7) foram compartilhados, gerando novas inferências, com membros opinando positivamente sobre as iniciativas e cobrando mais apoio popular, já que a participação nos protestos estava sendo considerada baixa.

Figura 6 – Moradores(as) interditam via na comunidade Massarapó.



Fonte: Enviada por membro do grupo de WhatsApp, no dia 6 de dezembro (2021).

Figura 7 – Moradoras(es) protestam em frente a Imerys



Fonte: Enviada por membro do grupo de WhatsApp, no dia 9 de dezembro (2021).

As duas fotos ilustram os encaminhamentos gerados durante os debates nos grupos de WhatsApp, reforçando novamente o papel do aplicativo na organização das lutas. Na primeira imagem, um grupo de pessoas bloqueia uma via de acesso com pneus para pressionar os órgãos públicos. Na segunda, as pessoas presentes, em sua maioria mulheres, seguravam cartazes com palavras de ordem exigindo justiça, o fim dos crimes ambientais, o respeito à Vila do Conde (local diretamente afetado pelo pó), à natureza e à vida das pessoas.

Dessa forma, observamos este circuito comunicacional, destacando que o WhatsApp se configura como um dispositivo que fomentou interações, episódios, inferências e referências. O protesto também se desdobrou em

três episódios já mencionados, mas é possível que o circuito não tenha se encerrado aí. Além disso, os depoimentos sugerem a existência de outros dispositivos e circuitos. No entanto, sem ter presenciado ou participado diretamente das situações, tornou-se um desafio identificar todos os seus componentes.

Após concluir esta seção sobre o WhatsApp e o protesto como dispositivos interacionais, inferimos que as entrevistas realizadas também podem ser compreendidas dessa forma. O ato de entrevistar constitui um dispositivo interacional, pois gerou interações influenciadas pelas experiências narradas pelas interlocutoras. Essas experiências revelaram diversos acontecimentos e possibilitaram a redação deste artigo.

É importante lembrar que interpretamos a experiência com base em Muniz Sodré (2009), que a define como um conjunto de fios (acontecimentos) conectados e presentificados na narrativa, permitindo que passado e futuro sejam sentidos tanto por quem narra quanto por quem escuta.

Seguindo a perspectiva de Walter Benjamin (1985), a experiência é como um “tesouro” que, ao ser compartilhado, gera reflexões que se desdobram com o tempo. Para Benjamin, a experiência é a matéria-prima do narrador. Paul Ricoeur (2010) complementa essa visão ao afirmar que a experiência é o acontecimento narrado sob horizontes únicos, ou seja, a partir das perspectivas e referências de mundo do narrador.

5 A luta é inegociável!

Este tópico apresenta a síntese interpretativa que encerra o procedimento metodológico e aprofunda os relatos do artigo a partir de duas categorias centrais: a luta e o WhatsApp, sendo a segunda inserida na primeira. No desenvolvimento do estudo, foram identificados seis conceitos fundamentais interligados à luta e aos dispositivos, que são: território, corpo-território, territorialidade, memória, narrativa e resistência.

A começar pelo conceito de território, Félix Guattari e Suely Rolnik (1996) o definem como um espaço apropriado e produzido por relações e afetos. As entrevistadas possuem vínculos próprios com seus territórios: Rosilda Santos nasceu e cresceu no Arienga; Socorro da Costa tem forte conexão com a natureza em seu quilombo; e Patrícia dos Santos, ao se mudar para o Bom Futuro, passou a conviver com os impactos da mineração. Elas comunicaram seus laços afetivos e suas expectativas quanto ao tratamento de seus territórios pelos empresários da mineração e pelo governo.

Percebemos que o território, por ser um espaço vivenciado, também pode ser entendido como o espaço do comum, ou seja, da comunicação, conforme aponta Muniz Sodré (2014). Para ele, os seres humanos não são comunicantes apenas porque podem falar, mas também porque se relacionam e organizam símbolos e diferenças. Compartilhar algo é comunicar.

Ao longo dos anos, o território se transformou e adquiriu uma potência comunicacional, estabelecendo vínculos diretos com o corpo e originando o conceito de corpo-território, fundamentado na relação simultânea entre ambos e evidenciando como um constrói o outro (Penido, 2018). A conexão é tão profunda que os impactos no território reverberam no corpo das mulheres, expondo a interdependência entre espaço e experiência vivida.

Esses impactos provocaram uma mudança nos elos estabelecidos anteriormente, pois as mineradoras impuseram uma nova forma de ver e viver o território, configurando uma nova territorialidade, termo que se refere à maneira como nos relacionamos, lidamos e somos construídos a partir dos nossos territórios. As territorialidades podem ser formadas a partir de vivências e experiências culturais e históricas, mas também podem ser impostas por forças externas, como a mineração, que gerou conflitos, ou seja, a luta (Wanderley, 2009).

A pesquisa de Rosane Maia (2017) sobre as comunidades de Barcarena, especialmente os quilombos, revela que as territorialidades dessas comunidades foram alteradas pelo avanço da mineração, o que resultou em resistência. Esse mesmo processo é observado nas interlocutoras deste artigo, cuja luta nasceu a partir dos impactos sobre seus corpos-territórios e territorialidades.

A luta também se fundamenta na memória, compreendida como conservação e atribuição de significado ao passado para lidar com o presente e projetar o futuro (Grisales, 2011; Le Goff, 1990). As entrevistadas recordam os desastres ambientais e interpretam seus impactos, lutando para proteger suas comunidades e as novas gerações. A memória não apenas preserva o passado narrado a quem demonstra interesse em conhecê-lo, mas também orienta ações futuras (Jelin, 2002).

Além disso, a ideia de que “contar a vida é um ato de memória”, conforme afirmam Conceição Ferreira, Llana Heineberg e Sandra Assunção (2020), se aplica aos depoimentos das interlocutoras. O ato de narrar, de organizar criativamente o fluxo caótico da vida, transforma experiências em uma narrativa compartilhada.

E, para Ricoeur (2010) e Sodré (2014), compartilhar experiências, símbolos e memórias por meio das narrativas é um ato comunicativo. Ao

organizar e compartilhar suas diferenças e experiências, as interlocutoras estabeleceram uma comunicação profunda, transformando suas memórias em algo comum, algo que pode ser interpretado e entendido por outros.

Ademais, conforme Ángeles Bernal e Adso Espinoza (2021), inspiradas em Hannah Arendt, as narrativas apresentadas neste artigo são formas de resistência e luta. Compartilhar lembranças permite que outros compreendam e ampliem o alcance de acontecimentos, em alguns casos traumáticos. Esse ato reforça a comunicação como partilha do comum, tornando as diferenças compreensíveis ao serem organizadas e narradas, isto é, comunicadas (Sodré, 2014).

Ao narrar suas perspectivas sobre a mineração em Barcarena, essas mulheres ampliam o alcance de suas lutas e motivações, comunicando suas experiências aos leitores. Como afirma Comerford (1999), a luta ganha força na narrativa. Se narrar é comunicar (Sodré, 2009), é na comunicação que a resistência se constrói e se fortalece. A resistência, como negação da desigualdade e da injustiça, gera ações de transformação (Pereira, 2017; Honneth, 2003; Scott, 1990). Em Barcarena, o WhatsApp tornou-se uma ferramenta estratégica para contornar o controle e fortalecer a luta, demonstrando a criatividade necessária para resistir à repressão (Scott, 1990).

No WhatsApp, os grupos funcionam como espaços coletivos de discussão, onde o sujeito da resistência socializa suas críticas e fortalece sua luta ao receber adesão de outros participantes que compartilham indignações semelhantes (Scott, 1990). Assim, podemos entender que sensações e emoções também são comunicação, pois resultam de experiências vividas que, ao serem compartilhadas por meio da narrativa, configuram o ato de comunicar (Ricoeur, 2010; Sodré, 2009).

As emoções só foram percebidas porque as interlocutoras narraram suas experiências (Ricoeur, 2010). São sentimentos que alimentam os questionamentos sobre os impactos da mineração em Barcarena; nesse contexto, os grupos de WhatsApp tornaram-se dispositivos para organizar e compartilhar as lutas, tais como: denúncias à imprensa; ações no centro comunitário de Burajuba; o curta-metragem Socorro; a ação judicial contra a Hydro Alunorte e os atos públicos, incluindo manifestações em frente a empresas como a Imerys.

Por fim, temos três mulheres que, apesar das inimizades, olhares hostis e ameaças que enfrentam, seguem firmes na resistência, que se mostra como o único caminho viável para a mudança. Hoje, Rosilda Santos celebra a conquista de vagas de emprego para a comunidade, Socorro da Costa se

orgulha de saber que sua luta beneficiará as futuras gerações, e Patrícia dos Santos vê a luta como um espaço de troca de conhecimento. Como Socorro afirmou, a luta é inegociável!

Considerações finais

Este artigo revelou a complexidade da luta feminina contra a mineração existente em Barcarena (PA) e a potência da comunicação nesse processo. Trata-se de uma atividade que produz impactos socioambientais, especialmente sobre as mulheres. Elas se contrapõem a isso, realizando resistências, indo na contramão dos papéis de gênero historicamente impostos ao corpo feminino.

As entrevistas com as lideranças comunitárias proporcionaram uma rica visão sobre como a luta feminina à mineração se articula na prática cotidiana. Diante de desafios como a desvalorização da mulher no mercado de trabalho e a contaminação mineral do ambiente, elas vivenciam experiências e apresentam narrativas singulares, entremeadas pela luta coletiva em busca de equidade e justiça.

O procedimento metodológico escolhido nos permitiu entender e interpretar as experiências vividas e narradas como fontes de conhecimento e força feminina. A comunicação se faz presente como uma ferramenta crucial para a resistência, sendo o WhatsApp um espaço seguro para o compartilhamento de informações e organização de protestos. José Luiz Braga (2017) argumenta que comunicação é mais do que apresentar informações. É um processo dinâmico de compartilhamento que carece de observação por parte do pesquisador. Neste caso, a maneira como elas se organizam e comunicam revela que a resistência está pautada no direito à vida e ao território.

A resistência lida com barreiras construídas pelo machismo, que dificultam a vida das mulheres. Há relutância de empresas em contratá-las e pressão social pela manutenção de papéis de gênero nos quais elas se limitem ao âmbito familiar. Ao resistirem, as mulheres desafiam a realidade do silenciamento e exclusão, caminhando em direção aos seus direitos e à equidade de gênero.

Finalizando, a análise realizada neste artigo não está dissociada do movimento global por justiça social e ambiental. As mulheres da resistência, sejam elas de Barcarena ou não, precisam ser reconhecidas e escutadas, caso contrário, não criaremos um mundo mais justo e sustentável. Em Barcarena, temos um modelo de luta a ser exaltado e seguido por pessoas que enfrentam

desafios semelhantes. Encerramos ressaltando a importância das vozes dessas mulheres, pois lutam por uma vida composta por dignidade e respeito ao outro e à natureza, temas essenciais para qualquer um de nós.

Referências

ANDRADE, Maria Júlia Gomes de. As muitas resistências das mulheres em conflito com o empreendimento Minas-Rio. In: ALVES, Murilo da Silva; CARNEIRO, Karine Gonçalves; SOUZA, Tatiana Ribeiro de; TROCATE, Charles; ZONTA, Marcio (org.). **Mineração: realidades e resistências**. São Paulo: Expressão Popular, 2020. p. 225-258.

BARGAS, Janine de Kássia Rocha; MAIA, Rousiley Celi Moreira. Quilombolas no WhatsApp: o papel do aprendizado coletivo nas lutas por reconhecimento. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 14, n. 41, p. 31-52, set./dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.18568/cmc.v14i41.1391>. Disponível em: evistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/1391. Acesso em: 21 fev. 2026.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BENTES, Rosineide. Um novo estilo de ocupação econômica da Amazônia. In: SEDUC; IDESP (org.). **Estudos e problemas amazônicos: história social e econômica e temas especiais**. Belém: IDESP, 1989. p. 89-114.

BERNAL, Ángeles María del Rosario Pérez; ESPINOZA, Adso Eduardo Gutiérrez. Narração, resistência e sentido em Hannah Arendt e Gilles Deleuze. **Cadernos de Letras da UFF**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 63, p. 150-164, dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.22409/cadlettrasuff.v32i63.51335>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/view/51335>. Acesso em: 20 ago. 2025.

BRAGA, José Luiz. Matrizes interacionais. In: BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina; RABELO, Leon; CASALI, Caroline; MACHADO, Michelli; MELO, Paula Reis; ZUCOLO, Rosana; MEDEIROS, Ana Lúcia; BENEVIDES, Pedro; KLEIN, Eloísa; XAVIER, Monalisa Pontes; PARES, André Dornelles (org.). **Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade**. Campina Grande: EDUEPB, 2017. p. 17-64.

BRUSTOLIN, Cíndia; SILVA, Sislene Costa da. Territórios, mulheres e megaprojetos: um estudo de caso sobre a Estrada de Ferro Carajás – MA. In: QUEIROZ, Ana Luisa; PRAÇA, Marina; BITENCOURT, Yasmin (org.). **Mulheres atingidas: territórios atravessados por megaprojetos**. Rio de Janeiro: Instituto PACs, 2021. p. 105-135.

CARNEIRO, Taymã. Mineradora que causou fumaça tóxica no PA não atua com devido licenciamento ambiental desde 2012, dizem deputados. **G1 Pará**, Belém, 9 dez. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2021/12/09/mineradora-imerys-que-causou-fumaca-toxica-em-barcarena-no-pa-atua-sem-licenciamento-desde-2012-dizem-deputados.ghtml>. Acesso em: 15 jun. 2025.

CASTILHOS, Zuleira; CASTRO, Nuria Fernández. Mulheres na mineração: *restitutio quae sera tamen*. In: CASTILHOS, Zuleira; LIMA, Maria Helena Machado Rocha; CASTRO, Nuria Fernández (org.). **Gênero e trabalho infantil na pequena mineração**: Brasil, Peru, Argentina, Bolívia. Rio de Janeiro: CETEM; CNPq, 2006. p. 41-64.

COMERFORD, John Cunha. **Fazendo a luta**: sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas. Rio de Janeiro: Dumarã; Núcleo de Antropologia da Política, 1999.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. (org.). **Métodos e técnicas da pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 62-83.

ESTUMANO, Jacobson; POÇA, João; GUIMARÃES, Luiz; ANJOS, Roberto. **Barcarena, cidade da gente**. Barcarena, PA: Didáticos Editora, 2018.

FAU-AL (Fundo de Ação Urgente para a América Latina e o Caribe Hispanico). **Extrativismos, pandemia e outros mundos possíveis**: recuperação econômica e alternativas a partir das defensoras de território na América Latina. Colômbia: FAU-AL, 2021.

FAUSTINO, Cristiane; FURTADO, Fabrina. **Mineração e violações de direitos**: o Projeto Ferro Carajás S11D, da Vale S.A. Açailândia, MA: Plataforma DHESCA, 2013.

FERREIRA, Conceição Coelho; HEINEBERG, Ilana; ASSUNÇÃO, Sandra. Pensando as narrativas memoriais e pós-memoriais em tempo de vulnerabilidade. **Revista Letras Raras**, Campina Grande, v. 9, n. 2, p. 10-21, set. 2020. DOI: <https://doi.org/10.35572/rlr.v9i2.1803>. Disponível em: <https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/RLR/article/view/1129>. Acesso em: 15 ago. 2025.

GLOBAL WITNESS. **A que preço**: negócios irresponsáveis e o assassinato de defensores da terra e do meio ambiente em 2017. Inglaterra: Global Witness, 2018.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 79-108. DOI: <https://doi.org/10.18294/9789878926261>. Disponível

em: <https://isco.unla.edu.ar/edunla/cuadernos/catalog/book/38>. Acesso em: 21 fev. 2026.

GRISALES, Sandra Patrícia Arenas. A gestão do silêncio: os artefatos da memória na Colômbia. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 26., 2011, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ANPUH, 2011. p. 1-10.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

HAZEU, Marcel Theodoor. **O não-lugar do outro: sistemas migratórios e transformações sociais em Barcarena**. 2015. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2003.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. Madrid: Siglo XXI, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LIRA, Susanna (dir.). **Socorro**. YouTube, 10 dez. 2022. 1 vídeo (15min40seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p-xCgdfQo-o>. Acesso em: 2 ago. 2025.

MAIA, Rosane de Oliveira; ACEVEDO MARIN, Rosa Elizabeth. A arte da resistência de comunidades tradicionais em Barcarena (Pará) face à ordem do progresso industrial. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 38., 2014, Caxambu, MG. **Anais [...]**. Caxambu, MG: ANPOCS, 2014.

MAIA, Rosane de Oliveira. **Territorialidades específicas em Barcarena confrontadas com projetos de desenvolvimento**. 2017. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

NERI, Juarez Heladio Pereira. Mídias sociais em escolas: uso do WhatsApp como ferramenta pedagógica no ensino médio. **Revista Estação Científica**, Juiz de Fora, v. 1, n. 14, p. 1-25, dez. 2015.

PEDROSA NETO, Cícero. Hydro, de Barcarena (PA), também é processada na Europa. **Amazônia Real**, 31 ago. 2022. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/hydro-e-processada-na-europa/>. Acesso em: 16 fev. 2024.

PENIDO, Maria de Oliveira. Bio(necro)política da mineração: quando o desastre atinge o corpo-território. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 63, n. 2, p. 38-51, jul./dez. 2018. DOI: https://doi.org/10.21579/issn.2526-0375.2018_n2_38-51. Disponível em: <https://rbg.ibge.gov.br/index.php/rbg/article/view/1827>. Acesso em: 2 fev. 2025.

PEREIRA, Edir Augusto Dias. Resistência descolonial: estratégias e táticas territoriais. **Revista Terra Livre**, São Paulo, v. 2, n. 43, p. 17-55, abr. 2017. DOI: https://doi.org/10.62516/terra_livre.2014.615. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/615>. Acesso em: 20 mar. 2025.

QUEIROZ, Ana Luisa. A operação da Vale S.A. no Morro D'Água Quente, Catas Altas, e seus impactos específicos sobre os direitos humanos das mulheres. In: QUEIROZ, Ana Luisa; PRAÇA, Marina; BITENCOURT, Yasmin (org.). **Mulheres atingidas: territórios atravessados por megaprojetos**. Rio de Janeiro: Instituto PACs, 2021. p. 82-103.

QUEIROZ, Ana Luisa; PRAÇA, Marina. Dos impactos à defesa: mulheres, corpo-território e direitos humanos. In: QUEIROZ, Ana Luisa; PRAÇA, Marina; BITENCOURT, Yasmin (org.). **Mulheres atingidas: territórios atravessados por megaprojetos**. Rio de Janeiro: Instituto PACs, 2021. p. 9-20.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa: a intriga e a narrativa histórica**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia: saberes e práticas. **Iluminuras**, v. 9, n. 21, 2008. DOI: <https://doi.org/10.22456/1984-1191.9301>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9301>. Acesso em: 21 fev. 2026.

RODAS, Jonatan. Las mujeres van al frente de las luchas. In: CRUZ, Delmy Tania; JIMÉNEZ, Manuel Bayón (coord.). **Corpos, territórios e feminismos**. Compilação latino-americana de teorias, metodologias e práticas políticas. Quito: Abya-Yala, 2020. p. 313-332. DOI: <https://doi.org/10.53368/ep61fcclyr01>. Disponível em: <https://www.ecologiapolitica.info/cuerpos-territorios-y-feminismos-compilacion-latinoamericana-de-teorias-metodologias-y-practicas-politicas/>. Acesso em: 23 ago. 2025.

SANTOS, Andressa Arielly de Souza. **Comunicação e resistência: meios e usos da comunicação por grupos sociais atingidos pelo desastre da Hydro Alunorte em Barcarena, Pará**. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.

SCOTT, James. **Los dominados y el arte de la resistencia: discursos ocultos**. México: Ediciones Era, 1990.

SCOTT, James; MENEZES, Marilda de; GUERRA, Lemuel. Formas cotidianas da resistência camponesa. Raízes: **Revista de Ciências Sociais e Econômicas**, Campina Grande, v. 21, n. 1, p. 10-31, jan./jun. 2002. DOI: <https://doi.org/10.37370/raizes.2002.v21.175>. Disponível em: <https://raizes.revistas.ufcg.edu.br/index.php/raizes/article/view/175>. Acesso em: 30 ago. 2025.

SILVA, Leonardo de Souza. **“Aqui não dá nada! Não dá peixe, não dá camarão, não dá fruto!”**: a percepção dos ‘filhos de Barcarena’ (PA) sobre os megaprojetos de Alumínio e Caulim. 2020. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.

SILVA, Luizete Vicente da; VIDAL, Márcia Nunes. O WhatsApp como um espaço em disputa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42., 2019, Belém, PA. **Anais [...]**. Belém, PA: Intercom, 2019. p. 1-14.

SILVA, Rayana Alexandra Sousa da; FERREIRA, Erika Mourão; SILVA, Leonardo de Souza. Narrativas do desastre: o caso do naufrágio do navio Haidar em Barcarena, Pará. In: IV SEMINÁRIO BRASILEIRO DE MUSEOLOGIA, 4. 2020, Brasília, DF: **Anais [...]** Brasília-DF, 2020. p. 1036-1056.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014.

SOUZA, Francisca Érica do Santos; RODRIGUES, Jondison. A resistência de bromélias e vitórias-régias. **InterEspaço**, Maranhão, v. 5, n. 16, p. 1-26, maio 2019. DOI: <https://doi.org/10.18764/2446-6549.2019.10926>. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/interespaco/article/view/10926>. Acesso em: 30 jul. 2025.

WANDERLEY, Luiz Jardim de Moraes. Deslocamento compulsório e estratégias empresariais em áreas de mineração. **Revista IDeAS**, Rio de Janeiro, v. 3, n. esp., p. 475-509, mar. 2009.

Recebido em agosto de 2025.

Aprovado em março de 2026.